

LIÇÃO Nº 12 – DO JULGAMENTO À RESSURREIÇÃO

Subsídio sendo elaborado por
Inacio de Carvalho Neto,
atualizado constantemente até 21/06/2025.
E-mail do autor: inacioneto@inaciocarvalho.com.br

Comentários iniciais:

- Estamos neste trimestre estudando o Evangelho de João, que, como sabemos, era um dos discípulos de Jesus, um dos três mais próximos de Jesus.

- Na lição de hoje vamos estudar a paixão, o julgamento, a morte e a ressurreição de Jesus. Este é um assunto, ao mesmo tempo, muito fácil de ensinar, já que todos conhecemos muito bem todos os eventos que envolvem o julgamento, a paixão, a morte e a ressurreição de Jesus; e, por outro, bastante difícil de ensinar, pois o desafio é trazeremos aqui algo a mais, algo que alguns possam ainda não conhecer. Afinal, o propósito de qualquer aula é trazer mais aprendizado, mais conhecimento, além de reforçar o conhecimento já anteriormente obtido.

- Cabe, em primeiro lugar, explicar o termo paixão, muito usada pelos católicos, mas não muito comum no meio evangélico. Deixemos claro, primeiramente, que paixão aqui não tem nada a ver com o sentimento amoroso, muito comum na juventude, com que essa palavra normalmente é empregada na atualidade. Paixão aqui é sofrimento. Portanto, quando falamos da paixão de Cristo, estamos falando de todo o sofrimento que Ele passou por nós.

- João foi uma testemunha privilegiada desses episódios da vida terrena de Jesus, pois foi ele que esteve mais proximamente presente nesses episódios (inclusive ele foi o único que acompanhou Jesus até o Calvário), mais até do que os outros dois (Pedro e Tiago). Além disso, ele era conhecido do sumo sacerdote (Jo. 18.15), e por isso ele pode entrar na sessão do Sinédrio e acompanhar os atos relativos ao julgamento de Jesus. E por isso o seu Evangelho é aquele que conta esses episódios com mais detalhes. Alguns desses detalhes são contados exclusivamente por João.

- Mas tem mais um fator que coloca o evangelho de João como especial no tocante à história da cruz: ele foi o único evangelho construído totalmente dentro da perspectiva do que se convencionou chamar de “a hora de Jesus”. Desde o início do evangelho, ele já faz questão de deixar claro que haveria “a hora” em que Jesus seria glorificado. Vejamos alguns textos: “Procuravam, pois, prendê-lo, mas ninguém lançou mão dele, porque ainda não era chegada a sua hora” (Jo. 7.30). “Essas palavras disse Jesus no lugar do tesouro, ensinando no templo, e ninguém o prendeu, porque ainda não era chegada a sua hora” (Jo. 8.20). “E Jesus lhes respondeu, dizendo: É chegada a hora em que o Filho do Homem há de ser glorificado” (Jo. 12.23). “Agora, a minha alma está perturbada; e que direi eu? Pai, salva-me desta hora; mas para isso vim a esta hora” (Jo. 12.27). “Ora, antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que já era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, como havia amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim” (Jo. 13.1). “Eis que chega a hora, e já se aproxima, em que vós sereis dispersos, cada um para sua casa, e me deixareis só, mas não estou só, porque o Pai está comigo” (Jo. 16.32). “Jesus falou essas coisas e, levantando os olhos ao céu, disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti” (Jo. 17.1). “Disse-lhe Jesus: Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora”

(Jo. 2.4 – quanto a este, há dúvida se essa hora se referia realmente à hora da glorificação, ou apenas ao começo do seu ministério).

- Portanto, o evangelho de João é escrito sob uma perspectiva totalmente diferente de todos os demais evangelhos (chamados sinóticos), e por isso encontramos nele informações sobre a paixão de Jesus que não encontramos nos demais evangelhos.

- Aliás, cabe aqui um parêntese a respeito da harmonização dos Evangelhos: algumas pessoas, inclusive alguns crentes pouco afetos ao estudo da Palavra de Deus, entendem haver divergência entre os Evangelhos, especialmente nos pontos que vamos estudar nesta lição, e por isso desacreditam da Palavra de Deus.

- E por que especialmente nos pontos que vamos estudar nesta lição? Pelo simples fato de que estes pontos são o ponto central da vida terrena de Jesus, e, portanto, são o ponto central dos quatro Evangelhos. Aliás, estes são alguns dos poucos temas que são tratados nos quatro Evangelhos, sem exceção, justamente em razão da importância deles. Então, como todos tratam desses temas, e como eles são temas muito importantes, é natural que as supostas divergências se manifestem principalmente nestes temas.

- Na verdade, essas supostas divergências são facilmente explicadas pelo fato de que a história foi contada por quatro pessoas diferentes, que viveram (antes e depois de conviverem com Jesus) em contextos bem diferentes, que tiveram seu relacionamento com Jesus de formas bem diferentes (dois deles, inclusive, nem mesmo conviveram diretamente com Jesus), e, sobretudo, que escreveram em épocas diferentes, com propósitos diferentes e com destinatários diferentes. Portanto, a história é contada de forma diferente em razão dessas diferenças. Mas a história é a mesma; só muda a forma de contá-la.

- Aliás, estranho seria se todos tivessem escrito exatamente da mesma forma. Se quatro pessoas assistem a um acidente de trânsito, por exemplo, e, meses ou anos depois, as quatro comparecem perante o Juiz para contar como foi o acidente, é natural, e até mesmo esperado, que as quatro contem a história de forma diferente. Se as quatro pessoas contarem a história exatamente da mesma forma, o Juiz irá certamente desconfiar que elas combinaram a forma de contar a história.

- Então, aqui da mesma forma, temos quatro pessoas que presenciaram a vida de Jesus (sendo que duas delas – Marcos e Lucas – nem mesmo presenciaram propriamente), e vão, anos depois, contar a história. Cada uma contou do seu jeito, tendo em vista a sua visão da história, tendo em vista os seus propósitos e tendo em vista os seus destinatários. Mas a história é a mesma.

- As diferenças entre as narrativas de cada evangelista foi muito bem compreendida por um dos maiores músicos de toda a história, e sem dúvida o maior músico cristão de todos os tempos: Johann Sebastian Bach (1685-1750), que tem como ápice de sua carreira a composição da famosíssima e lindíssima obra “O Messias”, da qual nós cantamos frequentemente o trecho “Aleluia”. Duas obras de Bach ilustram essas diferentes narrativas: “A Paixão segundo São João”, composta em 1724, e “A Paixão segundo São Mateus”, composta em 1729, sendo esta a sua composição mais longa. Bach pode compor duas obras diferentes sobre a mesma história (a paixão de Cristo) justamente porque cada uma delas foi baseada em um evangelho diferente. Cremos que, se Bach tivesse vivido mais tempo, ele provavelmente nos teria brindado com mais duas composições sobre a mesma história: “A Paixão segundo São Marcos” e “A Paixão segundo São Lucas”.

- Cada evangelista traz um aspecto de toda a história. Só por meio de uma leitura conjunta de todos os quatro Evangelhos é que vamos ter condições de abranger a história completa. Um exemplo disso temos nas chamadas “sete palavras da cruz”, que são, na verdade, as sete frases que Jesus falou depois de já crucificado, antes de morrer, que são mencionadas separadamente pelo diversos evangelistas (perguntar quem se lembra delas). São elas:

- 1) “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc. 23.34);
- 2) “Hoje mesmo estarei contigo no paraíso” (Lc. 23.43);
- 3) “Mulher, eis aí o teu filho. ...Eis aí a tua mãe” (Jo. 19.26);
- 4) “Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?” (Mt. 27.46; Mc. 15.34);
- 5) “Tenho sede” (Jo. 19.28);
- 6) “Está consumado” (Jo. 19.30);
- 7) “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc. 23.46).

- Sobre a sexta frase (“está consumado”), convém um adendo. A palavra grega original neste texto de João é *tetelestai*, que implica a ideia de pagamento de uma dívida, de quitação. Os comerciantes usavam esta palavra no título de uma dívida quando o devedor pagava a dívida, pra indicar que aquela dívida não mais existia. Quando Jesus exclama na cruz “*tetelestai*”, Ele estava dizendo: Eu paguei a dívida de todos vocês, vocês estão quites, não devem mais nada.

- Antigamente, os cursos de Teologia tinham uma disciplina chamada Harmonização dos Evangelhos, que explicava isto detalhadamente, e conciliava os quatro Evangelhos naquilo que aparentemente eles divergiam, cujo objetivo era compreender a unidade e coerência do testemunho bíblico sobre Jesus. É uma pena que os cursos de Teologia atuais já não ensinem esta disciplina. Vamos tentar aqui fazer essa harmonização, na medida do possível, respeitando o limite de tempo que uma aula de Escola Bíblica Dominical nos permite.

- Pois bem. Vamos então começar a estudar a paixão de Jesus. E, pra isso, precisamos primeiro determinar quando começa e quando termina esse evento. É fácil determinarmos quando terminou o seu sofrimento: com a morte na cruz. Mas qual o momento exato do início do sofrimento de Jesus? Foi no Jardim do Getsêmani, onde ele começou a se angustiar pela sua morte iminente. Portanto, quando falamos em paixão de Jesus, estamos falando de todos os eventos desde o Getsêmani até a Sua morte na cruz.

- Entretanto, o momento imediatamente anterior ao Getsêmani precisa ser mencionado, pois tem muita ligação com a “hora de Jesus” (ou seja, com a paixão de Cristo), já que lhe serve de introdução: estamos falando da oração de Jesus pelos Seus discípulos, a chamada “oração sacerdotal de Jesus”, estudada na lição anterior, que é um paralelo do rito do “dia da expiação” (o Yom Kippur), que era o único dia em cada ano em que o sumo sacerdote poderia entrar no Santo dos Santos, para expiar o pecado por si e pela congregação.

- O sumo sacerdote, naquela época, entrava no Santo dos Santos, primeiro enchendo o lugar de incenso (Lv. 16.12-13). Vamos lembrar que o incenso simboliza a oração (Ap. 5.8). Portanto, ao mostrar que todo o processo de paixão e morte de Jesus começa com a oração, João mostra claramente como Cristo é o sumo sacerdote que veio para entregar a Sua vida e obter a remissão da humanidade. Isso, aliás, foi profetizado pelo próprio Caifás (Jo. 11.49-53), sumo sacerdote da época de Jesus (observar que, mesmo sendo Caifás um diabo, Deus o usou na condição de sumo sacerdote para profetizar a respeito da morte de Jesus).

- Jesus orou pelos Seus discípulos e, então, saiu do cenáculo e foi para o jardim do Getsêmani, que ficava no pé do monte das Oliveiras, da outra margem do ribeiro do Cedrom, que separava o monte de Jerusalém (Jo. 18.1).

- Aparentemente, como João deixa implícito em Jo. 18.2 (“E Judas, que o traía, também conhecia aquele lugar, porque Jesus muitas vezes se ajuntava ali com os seus discípulos”), Jesus estava se dirigindo a este jardim todos os dias daquela semana (que começou no domingo anterior com a Sua entrada triunfal em Jerusalém e terminou com a Sua ressurreição no domingo seguinte). Isto também está implícito em Lc. 22.39 (“E, saindo, foi, **como costumava**, para o monte das Oliveiras; e também os seus discípulos o seguiram”).

- A palavra “Getsêmani” significa “prensa de azeite”. É elucidativo que Jesus tenha vindo orar ali. Primeiro, porque esse lugar se encontrava fora da cidade de Jerusalém, o que nos faz lembrar do “bode emissário” do dia da expiação, que era levado para fora do arraial, carregando os pecados de todo o povo (Lv. 16.5-10: “E da congregação dos filhos de Israel tomará dois bodes para expiação do pecado e um carneiro para holocausto. Depois, Arão oferecerá o novilho da oferta pela expiação, que será para ele; e fará expiação por si e pela sua casa. Também tomará ambos os bodes e os porá perante o SENHOR, à porta da tenda da congregação. E Arão lançará sortes sobre os dois bodes: uma sorte pelo SENHOR e a outra sorte pelo bode emissário. Então, Arão fará chegar o bode sobre o qual cair a sorte pelo SENHOR e o oferecerá para expiação do pecado. Mas o bode sobre que cair a sorte para ser bode emissário apresentar-se-á vivo perante o SENHOR, para fazer expiação com ele, para enviá-lo ao deserto como bode emissário”).

- E notemos que o outro bode, o bode da oferta pela expiação do pecado, teria que ser também levado para fora da cidade (Lv. 16.27: “Mas o novilho e o bode da oferta pela expiação do pecado, cujo sangue foi trazido para fazer expiação no santuário, serão levados fora do arraial...”). Isto também tem relação com Cristo, especificamente com o fato de Ele ter sido morto fora da cidade, como veremos adiante.

- O autor aos hebreus deixou essa relação entre o Yom Kippur e o sacrifício de Cristo bastante clara em Hb. 13.11-13: “Porque os corpos dos animais cujo sangue é, pelo pecado, trazido pelo sumo sacerdote para o Santuário, são queimados fora do arraial. E, por isso, também Jesus, para santificar o povo pelo seu próprio sangue, padeceu fora da porta. Saíamos, pois, a ele fora do arraial, levando o seu vitupério”.

- A segunda razão pela qual dissemos ser elucidativo que Jesus tenha vindo orar no Getsêmani é que seria nesse jardim (que, lembremos, significa “prensa de azeite”) que Ele iniciaria o Seu sofrimento, como uma azeitona que é prensada para poder fornecer o azeite. Jesus iria sacrificar a Sua vida para nos dar vida.

- João não narra a oração que Jesus fez no Getsêmani, mas essa oração é narrada por Lucas: “E apartou-se deles cerca de um tiro de pedra; e, pondo-se de joelhos, orava, dizendo: Pai, se queres, passa de mim este cálice; todavia, não se faça a minha vontade, mas a tua. E apareceu-lhe um anjo do céu, que o confortava. E, posto em agonia, orava mais intensamente. E o seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue que corriam até ao chão” (Lc. 22.41-44). Notemos então que Jesus, nessa oração, já se angustiou de tal forma, que chegou a suar gotas de sangue, iniciando assim o derramamento do Seu sangue por nós, em cumprimento do que Deus já tinha dito lá no jardim do

Éden à serpente (Gn. 3.15: “E porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e **tu lhe ferirás o calcanhar**”).

- A agonia de Jesus no Getsêmani, que João não relatou, revela claramente sua humanidade. João, no entanto, preferiu relatar um fato, que não é mencionado por nenhum outro evangelista, que demonstra Sua declaração de divindade (reiterando que Jesus veio ao mundo como homem, despojando-se de Sua divindade, mas não deixou de ser Deus). E aqui reiteramos o que já foi dito anteriormente: cada evangelista relatou os fatos que julgou mais importantes, tendo em vista os objetivos de sua escrita. Como João tinha o objetivo, em seu evangelho, de descrever Jesus como o Filho de Deus (tanto que ele já começa seu evangelho com a declaração de Sua divindade: “No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” – Jo. 1.1), ele ressaltou os fatos que demonstram Sua divindade.

- Que fato era este? Estamos falando da recepção por Jesus da turma comandada por Judas. Jesus chegou ao jardim com uma grande comitiva de oficiais e soldados do templo armados (não são soldados romanos, são soldados do templo, que lhe foram cedidos pelos membros do sinédrio). Jesus não Se intimidou; ao contrário, Ele Se adiantou e perguntou a quem eles buscavam. Esse adiantar-se de Jesus revela: 1) que Ele sabia o que Lhe aconteceria, ratificando o que Ele mesmo já tinha declarado; 2) que Ele não tinha medo do que Lhe aconteceria; Ele poderia ter fugido, mas não o fez; 3) que Ele renunciou à Sua vontade natural, humana, de viver, em prol da resolução de fazer a vontade do Pai, entregando-se para a morte; como Paulo escreveu aos gálatas: “...a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gl. 2.20). O próprio Jesus já tinha declarado que “...dou a minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém me tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar e poder para tornar a tomá-la...” (Jo. 10.17-18). Este aspecto de que foi o próprio Jesus que deu a Sua vida, que ninguém o matou, vai ficar ainda mais claro adiante, tanto nos Seus julgamentos (perante Anás, perante o sinédrio e perante Pilatos) quanto na cruz.

- Quando eles disseram que buscavam a Jesus, o Mestre respondeu: “Sou Eu” (Jo. 18.5). A esta aparentemente simples (mas que na verdade não tem nada de simples, como veremos) resposta de Jesus, toda a turma recuou e caiu por terra. Já pararam para meditar na razão por que eles caíram por terra só com as palavras de Jesus? Nessa “simples” afirmação (“sou Eu”), que, como disse, não tem nada de simples, está a solene e muito clara afirmação de Sua deidade. “Sou Eu”, ou “Eu sou”, é nada menos do que o nome de Deus, como podemos ver no texto de Ex. 3.13-14: “Então, disse Moisés a Deus: Eis que quando vier aos filhos de Israel e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós; e eles me disserem: Qual é o seu nome? Que lhes direi? E disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós”.

- Desde então, os hebreus sempre tiveram muito claro que a expressão “Eu sou” é própria apenas de Deus. Um judeu jamais diz “eu sou” para absolutamente nada. E Jesus foi muitas vezes criticado pelos fariseus quando usou esta expressão. Em uma dessas vezes, chegaram a tentar apedrejá-Lo por isso: “Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que, antes que Abraão existisse, eu sou. Então, pegaram em pedras para lhe atirarem; mas Jesus ocultou-se, e saiu do templo, passando pelo meio deles, e assim se retirou” (Jo. 8.58-59). Portanto, para os judeus, só quem pode falar “Eu sou” é Deus. E como eles não reconheceram Jesus como o Filho de Deus, eles não aceitavam que Jesus falasse “Eu sou”.

- Mas, voltando ao texto de Jo. 18, quando Jesus responde à turma que tinha ido Lhe prender “sou Eu”, o que os fez cair por terra? Só vejo uma explicação possível: o poder de Deus se manifestando

poderosamente por meio de Jesus. O Salmo 29 diz que “A voz do SENHOR faz tremer o deserto...” (Sl. 29.8). O autor da carta aos hebreus também se refere à voz de Jesus como fazendo mover a terra e o céu: “e a Jesus, o Mediador de uma nova aliança, e ao sangue da aspersão, que fala melhor do que o de Abel. Vede que não rejeiteis ao que fala; porque, se não escaparam aqueles que rejeitaram o que na terra os advertia, muito menos nós, se nos desviarmos daquele que é dos céus, a voz do qual moveu, então, a terra, mas, agora, anunciou, dizendo: Ainda uma vez comoverei, não só a terra, senão também o céu” (Hb. 12.24-26). Fica claro, assim, que a voz de Jesus é poderosa. Quando Ele disse “sou Eu”, todo o poder de Deus estava em sua voz, o que fez com que todos recuassem e caíssem por terra.

- Este é o quinto dos sete “Eu sou” de Jesus no evangelho de João. Três das sete vezes que João menciona que Jesus disse “Eu sou” foram justamente no Getsêmani. João assim deixa bastante evidente que Jesus, mesmo vindo ao mundo como homem, era o Filho de Deus e poderia, se quisesse, ter evitado Sua prisão e morte; só não o fez porque Ele estava determinado a cumprir a vontade do Pai para nos salvar.

- prosseguir em João 18.7.

7 Tornou-lhes, pois, a perguntar: A quem buscais? E eles disseram: A Jesus, o Nazareno.

8 Jesus respondeu: Já vos disse que sou eu; se, pois me buscais a mim, deixai ir estes,

9 para se cumprir a palavra que tinha dito: Dos que me deste nenhum deles perdi.

10 Então, Simão Pedro, que tinha espada, desembainhou-a e feriu o servo do sumo sacerdote, cortando-lhe a orelha direita. E o nome do servo era Malco.

11 Mas Jesus disse a Pedro: Mete a tua espada na bainha; não beberei eu o cálice que o Pai me deu?

12 Então, a coorte, e o tribuno, e os servos dos judeus prenderam a Jesus, e o manietaram,

13 e conduziram-no primeiramente a Anás, por ser sogro de Caifás, que era o sumo sacerdote daquele ano.

14 Ora, Caifás era quem tinha aconselhado aos judeus que convinha que um homem morresse pelo povo.

15 E Simão Pedro e outro discípulo seguiam a Jesus. E este discípulo era conhecido do sumo sacerdote e entrou com Jesus na sala do sumo sacerdote.

16 E Pedro estava da parte de fora, à porta. Saiu, então, o outro discípulo que era conhecido do sumo sacerdote e falou à porteira, levando Pedro para dentro.

17 Então, a porteira disse a Pedro: Não és tu também dos discípulos deste homem? Disse ele: Não sou.

18 Ora, estavam ali os servos e os criados, que tinham feito brasas, e se aquetavam, porque fazia frio; e com eles estava Pedro, aqueitando-se também.

19 E o sumo sacerdote interrogou Jesus acerca dos seus discípulos e da sua doutrina.

20 Jesus lhe respondeu: Eu falei abertamente ao mundo; eu sempre ensinei na sinagoga e no templo, onde todos os judeus se ajuntam, e nada disse em oculto.

21 Para que me perguntas a mim? Pergunta aos que ouviram o que é que lhes ensinei; eis que eles sabem o que eu lhes tenho dito.

22 E, tendo dito isso, um dos criados que ali estavam deu uma bofetada em Jesus, dizendo: Assim respondes ao sumo sacerdote?

23 Respondeu-lhe Jesus: Se falei mal, dá testemunho do mal; e, se bem, porque me feres?

24 Anás mandou-o, manietado, ao sumo sacerdote Caifás.

25 E Simão Pedro estava ali e aquetava-se. Disseram-lhe, pois: Não és também tu um dos seus discípulos? Ele negou e disse: Não sou.

26 E um dos servos do sumo sacerdote, parente daquele a quem Pedro cortara a orelha, disse: Não te vi eu no horto com ele?

27 E Pedro negou outra vez, e logo o galo cantou.

28 Depois, levaram Jesus da casa de Caifás para a audiência. E era pela manhã cedo. E não entraram na audiência, para não se contaminarem e poderem comer a Páscoa.

29 Então, Pilatos saiu e disse-lhes: Que acusação trazeis contra este homem?

30 Responderam e disseram-lhe: Se este não fosse malfeitor, não to entregaríamos.

31 Disse-lhes, pois, Pilatos: Levai-o vós e julgai-o segundo a vossa lei. Disseram-lhe, então, os judeus: A nós não nos é lícito matar pessoa alguma.

32 (Para que se cumprisse a palavra que Jesus tinha dito, significando de que morte havia de morrer.)

33 Tornou, pois, a entrar Pilatos na audiência, e chamou a Jesus, e disse-lhe: Tu és o rei dos judeus?

34 Respondeu-lhe Jesus: Tu dizes isso de ti mesmo ou disseram-to outros de mim?

35 Pilatos respondeu: Porventura, sou eu judeu? A tua nação e os principais dos sacerdotes entregaram-te a mim. Que fizeste?

36 Respondeu Jesus: O meu Reino não é deste mundo; se o meu Reino fosse deste mundo, lutariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas, agora, o meu Reino não é daqui.

37 Disse-lhe, pois, Pilatos: Logo tu és rei? Jesus respondeu: Tu dizes que eu sou rei. Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz.

38 Disse-lhe Pilatos: Que é a verdade? E, dizendo isso, voltou até os judeus e disse-lhes: Não acho nele crime algum.

39 Mas vós tendes por costume que eu vos solte alguém por ocasião da Páscoa. Quereis, pois, que vos solte o rei dos judeus?

40 Então, todos voltaram a gritar, dizendo: Este não, mas Barrabás! E Barrabás era um salteador.

Texto Áureo:

Jo 19.30

E, quando Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito.

Texto da Leitura Bíblica em classe:

João 19.17,18, 28-30; 20.6-10

João 19

17 E, levando ele às costas a sua cruz, saiu para o lugar chamado Calvário, que em hebraico se chama Gólgota,

18 onde o crucificaram, e, com ele, outros dois, um de cada lado, e Jesus no meio.

28 Depois, sabendo Jesus que já todas as coisas estavam terminadas, para que a Escritura se cumprisse, disse: Tenho sede.

29 Estava, pois, ali um vaso cheio de vinagre. E encheram de vinagre uma esponja e, pondo-a num hissopo, lha chegaram à boca.

30 E, quando Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito.

João 20

6 Chegou, pois, Simão Pedro, que o seguia, e entrou no sepulcro, e viu no chão os lençóis

7 e que o lençol que tinha estado sobre a sua cabeça não estava com os lençóis, mas enrolado, num lugar à parte.

8 Então, entrou também o outro discípulo, que chegara primeiro ao sepulcro, e viu, e creu.

9 Porque ainda não sabiam a Escritura, que diz que era necessário que ressuscitasse dos mortos.

10 Tornaram, pois, os discípulos para casa.

Referências bibliográficas:

- **Bíblia Apolagética de Estudo.** 2ª. edição. Editora ICP, 2006.

- CABRAL, Elienai. **E o Verbo se Fez Carne – Jesus sob o olhar do Apóstolo do Amor.** Rio de Janeiro: CPAD, 2025.

- CABRAL, Elienai. **Lições Bíblicas: E o Verbo se Fez Carne – Jesus sob o olhar do Apóstolo do Amor.** Rio de Janeiro: CPAD, 2025.

- CARGAL, Timothy B. **Comentário bíblico pentecostal – Aviva ó, Senhor, a tua obra.** 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, v. 2.
- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo.** 2. ed. Editora Hagnos, v. 4, 2001.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake.** Editoras CPAD e Atos, 2009.
- DEVER, Mark. **A mensagem do Antigo Testamento: uma exposição teológica e homilética.** Tradução Lena ARANHA. CPAD, 2012.
- DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento.** Editora Vida Nova, 2005.
- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **As Promessas de Deus São Infalíveis.** Subsídio publicado no site <http://www.portalebd.org.br/>.
- HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico – Novo Testamento.** Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- MOUNCE, William D. **Léxico analítico grego do Novo Testamento.** Editora Vida Nova, 2012.
- NEVES, Natalino das. **Do Julgamento à Ressurreição.** Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês.** Editora Vida Nova.
- OLIVEIRA, Euclides. **Do Julgamento à Ressurreição.** Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.adlondrina.com.br>
- OLIVEIRA JÚNIOR, Abimael de. **Do Julgamento à Ressurreição.** Subsídio publicado no site <http://abimaeljr.wordpress.com.br>
- PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe.** Trad. Degmar Ribas Júnior. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal.** Rio de Janeiro: CPAD, 2005.